



Uma tese em movimento: Recortes de uma cartografia de si, interseccionalidade e contracolonialidade no campo educacional em textos literários, de temática amazônica, adaptados para o audiovisual

*Eliana Pires de Almeida¹; Luís Heleno Montoril Del Castillo²;
Helena Bonito Couto Pereira³; Rui Jorge Moraes Martins Junior⁴*

Resumo: A literatura e o audiovisual são expressões artísticas que não apenas refletem a sociedade, mas também contribuem para sua compreensão crítica. Este artigo investiga a memória, a identidade e a interseccionalidade na construção da personagem Domingas, do romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum e das personagens principais dos contos *Promessa em Azul e Branco*, de Eneida de Moraes e *Chuvvas e Trovoadas*, de Maria Lúcia Medeiros e suas respectivas adaptações audiovisuais. A pesquisa parte dos estudos culturais, da literatura comparada e da metodologia da cartografia de si, abordando como experiências pessoais dialogam com a ficção e evidenciam desigualdades estruturais baseadas em raça, classe e gênero. O uso de adaptações literárias como instrumentos pedagógicos na formação de graduandos de Letras, amplia seu engajamento em debates sociais e culturais alinhados à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas e aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Palavras-chave: Adaptação. Personagem. Interseccionalidade. Cartografia de si. Saberes Amazônicos. Educação.

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará. Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará. Professora e produtora audiovisual. A pesquisa em curso é financiada com Bolsa Capes – Programa de Excelência Acadêmica - PROEX de Doutorado. Autora correspondente: eliana.almeida@ilc.ufpa.br – Belém/PA- Brasil.

2 Pós-doc CAPES - Sorbonne Nouvelle - CREPAL; Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestre em Letras - Teoria Literária: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará, Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Graduado em Direito pela Universidade Federal do Pará. É professor da Universidade Federal do Pará e orientador da tese em desenvolvimento. E-mail: heleno@ufpa.br - Belém/PA – Brasil.

3 Pós-doc no Department of Hispanic Studies da Universidade da Califórnia em Riverside (USA) e na Università degli Studi di Perugia. Doutora e Mestra em Letras Modernas (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo. Atua como Professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e é coorientadora da tese em desenvolvimento. E-mail: helenabonito.pereira@gmail.com - São Paulo /SP – Brasil.

4 Pós-doc em Direitos Humanos, Direitos Sociais e Direitos Difusos pelo Programa de Pós-Doutorado em Direitos Humanos da Universidade de Salamanca - USAL, Espanha. Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia e Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: rui.junior@seduc.pa.gov.br - Belém / PA – Brasil.

A thesis in motion: Cuttings of a cartography of the self, intersectionality and countercoloniality in the educational field in literary texts with Amazonian themes adapted for audiovisual media

Abstract: Literature and audiovisual media are artistic expressions that not only reflect society but also contribute to its critical understanding. This article investigates memory, identity, and intersectionality in the construction of the character Domingas, from the novel *Dois Irmãos*, by Milton Hatoum, and the main characters of the short stories *Promessa em Azul e Branco*, by Eneida de Moraes, and *Chuvvas e Trovoadas*, by Maria Lúcia Medeiros, and their respective audiovisual adaptations. The research is based on cultural studies, comparative literature, and the methodology of cartography of the self, addressing how personal experiences interact with fiction and highlight structural inequalities based on race, class, and gender. The use of literary adaptations as pedagogical tools in the training of undergraduate students in Literature broadens their engagement in social and cultural debates aligned with the United Nations 2030 Agenda and the 17 Sustainable Development Goals.

Keywords: Adaptation. Character. Intersectionality. Cartography of the self. Amazonian Knowledge. Education.

Introdução

O trabalho em tela apresenta alguns resultados da pesquisa em andamento que toma os textos literários adaptados para o audiovisual como ponto de investigação e reflexão para o desenvolvimento de metodologias educacionais na formação de graduandos de Letras. Por entendermos que o consumo cultural e a educação estão intimamente ligados à identidade e a representação social dos sujeitos com vistas à cidadania e o pleno acesso aos Direitos Humanos, conforme os pressupostos dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS da Agenda 2030 da Organizações das Nações Unidas.

Nesse sentido, narrar o tempo, contar a versão local e de quem vive na Amazônia por textos escritos e processos audiovisuais é testemunhar as lutas e os avanços sociais e culturais da região. A literatura, o cinema e o audiovisual dão vozes aos saberes amazônicos, denunciando ou reforçando estereótipos do povo da floresta a partir da memória salvaguardada em produtos culturais como o livro e o cinema. As narrativas verbais e audiovisuais proporcionam contribuições relevantes para as identidades dos amazônidas para o bem e para o mal, a depender do gosto do leitor/espectador.

Pensar a Amazônia como espaço de resistência é também pensar o Brasil profundo, vendida pelos cronistas viajantes como a grande selva a ser dominada, que precisa ser “rasgada”, “cortada” para ligar o sul ao norte, levando as riquezas da floresta e deixando o subdesenvolvimento à região. Porém, o processo civilizatório de modelagem capitalista nunca conseguiu dominar a floresta amazônica nesses séculos todos, nunca deu certo essa espécie de colonialismo tupiniquim.

Na Amazônia, ainda hoje, como no resto do país há trabalhadores que vivem em situação análoga à escravidão, pois falta uma fiscalização adequada para coibir tal prática, o que ocasiona a violação dos direitos dos povos da região Norte do Brasil. Observa-se que ao longo de mais de 500 anos da invasão portuguesa prevalece o apagamento de culturas amazônicas nos contextos, nas narrativas, nos livros didáticos, nos roteiros de filmes, de novelas, de séries do Brasil e do exterior.

O texto literário, dessa forma é o principal suporte para as narrativas verbais que podem ser apresentadas como narrativas visuais, por meio de adaptações ou transposições audiovisuais. Cumpre elucidar ambos os termos utilizados neste artigo, em que a transposição audiovisual é a obra literária adaptada com o menor número possível de alterações em relação à obra original, ao passo que a adaptação audiovisual é compreendida como uma obra adaptada, mas que aceita modificações significativas, concedendo maior liberdade aos adaptadores.

O recorte apresentado no presente artigo faz parte da tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras /Universidade Federal do Pará e mapeou 30 textos literários adaptados para o cinema/audiovisual de autores ou temáticas amazônicas, no período de 1972 a 2022. Dentre eles, elegeram-se três adaptações: *Chuvas e Trovoadas*, de Maria Lúcia Medeiros, *Promessa em Azul e Branco*, de Eneida de Moraes e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Em cada uma dessas narrativas foram analisadas três personagens femininas.

A partir dos contornos das personagens adaptadas analisou-se a relação interseccional de seus contextos e conflitos retratados nas obras. Tais vivências ficcionais entrelaçam-se com a trajetória da autora da tese. Que assim como o roteiro de vida das personagens escolhidas: a jovem aprendiz de *Chuvas e Trovoadas*, a menina que foi obrigada a pagar uma dívida da avó de *Promessa em azul e branco* e uma adolescente órfã indígena de *Dois irmãos* precisou superar algumas dificuldades.

Diante da análise das personagens fictícias elencadas na pesquisa, observou-se que as mesmas promovem uma ampliação da circulação dos saberes amazônicos, em que os produtos

audiovisuais funcionam como guardiões da memória social, cultural e educacional de uma sociedade. E verificou-se como a identidade, a memória e a subalternidade são representadas nas personagens e como essas categorias são trabalhadas nas narrativas.

Ademais, a tese visa compreender como obras adaptadas de autores ou temáticas amazônicas promovem uma formação curricular ampliada aos graduandos de Letras com o intuito de preparar esse futuro professor com um repertório sociocultural que dê conta das urgências impostas pela globalização, em que os diferentes sejam reconhecidos como iguais.

Evidenciar as pluralidades das existências e resistências da cultura do Norte é uma forma de se praticar a educação ecológica, a educação para a cidadania, como sugerido pela ONU até 2030, é um desafio de todos. A sociedade brasileira, em sua maioria, ainda é extremamente patriarcal, em que as mulheres para além de todas as diferenças biológicas que carregam, precisam lidar com o apagamento e a violência de gênero. Lamentavelmente, grande parte das violações de seus direitos acontece dentro de casa, por sua família biológica ou aparentados.

Na região Norte do país, para além do feminicídio, havia a violação dos Direitos Humanos de criança e adolescentes, em que a sociedade e o Estado fechavam os olhos à prática corriqueira de adoções de meninas nortistas para serem criadas por “famílias de bem” no sudeste do país, com a desculpa de que elas estudariam se ajudassem nos afazeres da casa ou como babás dos filhos das famílias abastadas. E na maioria das vezes essas meninas não passavam da porta da cozinha, quando não eram abusadas pelos homens das famílias adotantes e eram devolvidas às famílias biológicas.

Plurais são as realidades da Amazônia, disso todos já têm certeza pelo que cada indivíduo pode assistir na tela do celular na palma da mão ou na tela de plasma da *smart TV* no conforto de sua casa ou ainda, nas telas de cinema mundo a fora. Na contemporaneidade as identidades são forjadas por linguagens subjetivas em narrativas que chegam na velocidade de um *click*, nunca a comunicação foi tão usada para promover conhecimento, ou pelo menos informações, e também para produzir, com efeitos funestos, as *fake news*.

Nunca a linguagem foi tão usada para manipular verdades ou criar fatos. Nessa perspectiva, os filmes são portas que se abrem e comunicam a partir do cinema, da televisão, e principalmente, da *internet*. Outrossim, a Literatura e o Audiovisual dão suporte à circulação de diferentes testemunhos de práticas, construindo uma grande teia de saberes culturais. Esses produtos culturais como recursos pedagógicos performatizam de certa maneira uma manutenção da memória de um povo, de sua cultura e de sua identidade.

Dessa forma, as adaptações de textos literários de autores amazônicos ou de temáticas amazônicas promovem a salvaguarda e a construção de uma alteridade dos saberes amazônicos no campo cultural.

Anteriormente ao estudo de toda a problemática socioeconômica e cultural contemporânea revelada por meio de textos literários e fílmicos, impõem-se duas observações. A primeira refere-se aos textos literários, alvo de incontáveis estudos histórico-críticos de relevância, em contraste com o pouco que se divulga sobre a trajetória do cinema na Amazônia ou, mais especificamente, no Pará.

Breve historiografia da chegada do Cinema no Pará

O cinema no Pará, como no resto do mundo, significou um momento de atualização do estatuto da Arte, bem como, o surgimento de uma nova forma de imperialismo cultural, como proposto por Pierre Bourdieu. “O nascimento dessa arte significou o processo de modernização que se estabeleceu na relação entre a cidade e a metrópole” (Álvares, 2006, p.9).

Veriano (2006), em seu livro *Fazendo Fititas*, relembra que a imagem em movimento passou a existir por volta de 1895 com dois grupos industriais distintos, um nos Estados Unidos e outro na França. E seus produtos eram distribuídos mundo a fora por meio de um caixeiro viajante, que vendia os produtos de projeção e exibição que chegavam de navio a vapor na capital paraense. Conta também toda a trajetória do cinema *Olympia* em Belém, fundado em 1912, que se encontra em processo de reforma há mais de quatro anos, é considerado o cinema mais antigo em funcionamento do Brasil.

A primeira sessão na capital aconteceu em 29 de dezembro de 1896, no *Theatro* da Paz. Neste mesmo ano chegou no sudeste do Brasil, no Rio de Janeiro o primeiro aparelho de filmar e projetar. Quanto à região Norte, “O pioneiro do cinema no Pará foi Nicola Parente, italiano que, com o *Cinematographo* de Lumière, aportou no Ceará e depois fixou residência em Abaetetuba” (Veriano, 2006, p. 21).

À luz dos estudos culturais, da literatura comparada e da interseccionalidade no recorte de: gênero, raça e classe, a tese, da qual este texto faz parte, tem por objetivo analisar qual o papel dos textos literários adaptados para o audiovisual, como eles atuam na representação das mulheres amazônicas e na formação de professores de Letras para a promoção de uma educação contracolonial. A pesquisa em desenvolvimento promove uma cartografia simbólica da

memória identitária de uma Amazônia plural, como testemunho de uma sociedade que serve de base narrativa a textos literários e roteiros cinematográficos.

Nesse sentido, os caminhos teóricos desta investigação apontam que viajantes e cronistas difundiram uma visão colonizadora da região e ainda hoje, há a perpetuação dessa *imagem*, deturpada e fabricada da região, porque “esses elementos estão sempre presentes na invenção da Amazônia” (Gondim, 1994, p.3-4). A Amazônia é uma invenção, sob o olhar do norte global em detrimento do enfoque mais local. Ou seja, a Amazônia segue sendo contada por quem não vive nela, é inventada e reinventada sistematicamente. Esse alheamento exclui inúmeras marcas de sua cultura originária e reforça traços subalternos ao gosto do colonizador.

Nessa perspectiva, não podemos pensar na chegada em Belém do Pará pelos portos em navios a vapor do cinema como um acaso. Longe de ser um fato aleatório, já era o início do expansionismo industrial avançando na região, pois após a abolição da escravidão não havia quem fizesse os trabalhos braçais que exigiam grande esforço físico e era preciso fixar as pessoas nos territórios. Coube então ao cinema o papel de entreter os trabalhadores e forjar certas realidades adequadas aos objetivos dos patrocinadores dos empreendimentos na Amazônia.

Em vista disso, os filmes baseados em textos literários de autores amazônicos ou de temáticas amazônicas analisados até aqui dão voz às narrativas de uma sociedade múltipla, plural e diversa. Ao mesmo tempo em que, fala de seus dramas sociais e culturais, ressalta os saberes locais. A dialética da obra de arte estará sempre em luta, escritor/leitor, diretor/espectador são sujeitos desse fazer contínuo das linguagens artísticas.

No entanto, a obra enquanto semblante da verdade é questionável, como num enfrentamento ao que Carlo Ginzburg chamou de *paradigma indiciário*. Dizer isto se faz salutar, sobretudo ao considerar o leitor, não apenas em sua condição de leitor, mas como sujeito social que vive e trabalha num mundo real. Ademais, textos literários e filmes são suportes que podem denunciar problemas sociais a partir do testemunho em narrativas documentais ou ficcionais.

As principais referências utilizadas na tese, da qual faz parte este trabalho, são: Luís Heleno Del Castilo (2012), Guy Debord (2000), Stuart Hall (2003), Luzia Álvares (2006), Linda Hutcheon (2011), Helena Pereira (2023), Gayatri Spivak (2010), Marília Franco (2010), Le Goff (1990), Lélia Gonzales (1982), Angela Davis (2016), Silvia Federici (2019), bell hooks (2013), Frantz Fanon (2008), Vera Candau (2005), Sumaya Mattar *et al* (2024), Oliveira;

Albuquerque (2009) e Grada Kilomba (2019) para a discussão sobre cultura, arte, interseccionalidade e educação.

Segundo Stuart Hall as identidades culturais são formadas e transformadas no interior da representação. E a partir do prisma das “identidades culturais nacionais, sabe-se que uma nação não é apenas uma entidade política, mas um sistema de representação cultural, composta de símbolos e representações” (Hall, 2003, p. 68). Os significados culturais influenciam condutas e práticas, porque acessam o circuito cultural no qual o sentido de pertencimento é construído simbolicamente. A Amazônia é um território de dimensões continentais e sua cultura é diversa, logo, sua representação deve ser plural.

Segundo Linda Hutcheon, a adaptação é “uma forma de transcodificação de um sistema de comunicação para outro” (Hutcheon, 2011, p. 9). Para a autora a adaptação existe sob dois prismas fundamentais: como processo e como produto cultural. Ainda na perspectiva da transposição ou adaptação, concordamos com a premissa de Helena Bonito Pereira (2023), que assevera em seu recente livro - *Transposições midiáticas: literatura brasileira no cinema* que a função da adaptação do texto literário é a atualização do tema de um romance ou a contestação de seu conteúdo.

Ao analisar a fisionomia narrativa de Domingas, personagem de *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, há a necessidade de se compreender o sujeito subalterno. Segundo, Gayatri Spivak, o subalterno refere-se ao sujeito que pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p.12).

Le Goff é fundamental para se compreender o processo histórico da memória, tanto do cinema paraense, quanto dos filmes adaptados. A ciência histórica tem como um de seus suportes a reunião de documentos, sejam escritos, orais ou imagéticos. Desse material elaboram-se significações que reproduzem, “o poder material da sociedade do passado sobre a memória do futuro: o documento é monumento” (Le Goff, 1990, p. 47).

Nesse sentido, no que concerne aos hábitos culturais que exercem poder simbólico, Marília Franco, defende que a relação do cinema/audiovisual com a educação é fundamental para se pensar a formação dos jovens no Brasil.

Quando pensamos na força dos mecanismos de projeção/ identificação oferecidos pelos filmes a cada espectador e na profundidade da influência dessas vivências na

formação da personalidade, sobretudo para crianças e jovens, podemos avaliar os resíduos disso numa formação que fica entre o *não ser e o ser outro*. Para pensar as relações entre cinema e educação, portanto é preciso ter claro que filme e cinema tem dimensões diferentes, mas indissociáveis na constituição da cultura audiovisual que marcou a personalidade e os hábitos culturais do século XX (Franco, 2010, p. 4).

Os textos de Silvia Federici, uma importante autora italiana da atualidade, são relevantes para estapesquisa, por acreditar que só é possível discutir identidade cultural, se incluir o sistema político e econômico. Segundo a autora, só é possível mudar a nossa identidade, se mudarmos anossa condição material de vida. Ela dá como exemplo prático, a transformação que o movimento feminista fez da imagem da mulher serva do homem, da mulher que, necessariamente, tem que ser mãe para ser socialmente aceita. Aquela que se sacrifica, que tem que colocar suas necessidades em último lugar, pois os outros sempre têm prioridade. Para a autora, toda essa mudança de identidade veio, também, com a questão do trabalho doméstico, em que uma árdua luta ainda está em andamento, em que é preciso ir contra a ideia de que o trabalho doméstico é apenas definido de forma biológica, quando se trata, verdadeiramente, de produção.

Lélia Gonzalez, filósofa e historiadora, pioneira no Brasil ao perceber que as demandas das mulheres negras eram negligenciadas em favor do feminismo hegemônico, classista e racista, denunciou tal prática. A autora também debateu como os diferentes grupos marginalizados estão organizados nas dinâmicas simbólicas da sociedade brasileira e as relações de classe implicadas nesse processo. Gonzalez acreditava que a cor organizava as relações sociais no mundo eno Brasil, essa relação ganha contornos ainda mais cruéis e violentos, com o serviço doméstico e o fenômeno do embranquecimento. Os estudos sobre interseccionalidade da autora compõem a base teórica para a análise da personagem Domingas de *Dois irmãos* de Milton Hatoum, e das duas personagens dos filmes: *Chuvas e Trovoadas* de Maria Lúcia Medeiros e *Promessa em Azul e Branco* de Eneida de Moraes.

Frantz Fanon (2008), psiquiatra e filósofo nascido na Martinica, com importantes estudos pós-coloniais é de suma importância para esta pesquisa, por contemplar em seus textos o que entendemos como umas das questões fundamentais desta pesquisa, a desumanização e o adoecimento como política de guerra.

E no atravessamento dessas questões, intuímos que as representações de personagens amazônicas em filmes que foram adaptados de textos literários de temáticas amazônicas reforçam ou performatizam discursos hegemônicos ou contra hegemônicos. A análise das

personagens Domingas e das duas outras meninas/mulheres amazônicas das obras adaptadas vivem realidades sociais completamente diferente e desiguais. Domingas, órfã indígena, foi comprada/negociada para “ajudar” a cuidar da família de Zana ainda adolescente, ao passo que a jovem selvagem de *Chuvvas e Trovoadas* foi obrigada a aprender como ser recatada e do lar, pronta para satisfazer as necessidades da casa. Domingas, estuprada pelo filho do patrão, teve um “filho de ninguém”, permaneceu apagada até a morte pela família libanesa. Nesse sentido, a personagem criada por Milton Hatoum, representa um contingente de mulheres negras ou indígenas que ganham visibilidade a partir do texto literário e posteriormente no dispositivo fílmico.

Nesse sentido, a obra *Os condenados da Terra* (1968) de Fanon, alicerça a análise da narrativa acerca de Domingas, como por exemplo quando a futura patroa vai ao encontro da freira, no antigo restaurante de seu pai e, nesse momento, para ofertar a menina para a senhora, a freira abre a boca e mostra que tem bons dentes. A freira salienta que a órfã foi batizada, sabe ler e escrever. Para Fanon, a alienação religiosa é tão prejudicial quanto o colonialismo. Na sequência da cena, Zana leva a menina para casa, dá a ela, sapatos e roupas novas, além de ensinar-lhe suas receitas libanesas. Nessa nova vida, Domingas se afasta do rio, dos seus iguais e de sua cultura, e passa a ser a sombra da patroa, inclusive, a acompanhando em suas idas à igreja. Jean-Paul Sartre, no prefácio da obra de Fanon, salienta: - “os colonizados defendem-se da alienação colonial acrescentando-lhe a alienação religiosa. [...] acumulam ambas as alienações e cada uma se reforça a si mesma ainda mais [...] a pessoa está dissociada” (Sartre, 1961, p.11).

Fanon também, chama atenção para o poder da linguagem, pois ela cria e organiza essas hierarquias, essa temática está no seu livro *Pele negras máscaras brancas*, no qual ele traça a metodologia psicológica do sistema colonizador na guerra, em que os negros argelinos não eram tratados como gente, eram tratados como objetos ou apenas como mão de obra, força de trabalho, como cidadãos de segunda classe. E essa psicologia da colonização trouxe sequelas psicológicas para os povos colonizados no que diz respeito à sua autoestima, no que diz respeito à sua visão de mundo e a sua atuação na sociedade.

Segundo ele, seria como se um sentimento de profunda inferiorização tivesse acometido essas populações. Inclusive, trazendo sequelas não só psicológicas, mas culturais e sociais. *Pele negra máscaras brancas* (2008), é um livro que aborda como essas sequelas fizeram e fazem com que a população negra agisse para ser aceita e confortável na sociedade branca. Situação

em que preferem utilizar essas “máscaras brancas”, que são características, traços, comportamentos, tipicamente, dos brancos e não dos pretos. Essa adoção de traços da identidade branca é tratada pelo autor, como justamente, uma maneira de tentar encaixar-se, de tentar adequar-se a essa sociedade que só aceita a branquitude.

Semelhante à condição retratada no romance do escritor amazonense, Milton Hatoum, em *Dois irmãos*, especificamente na voz da personagem Domingas, mas que representa inúmeras mulheres e vozes espalhadas no Brasil e no mundo, inclusive com o avanço do fascismo globalmente, que ganha representatividade em um objeto de arte que circula e contribui para que mais indivíduos como Nael, sejam forjados nessa luta de David contra Golias, porque o racismo estrutural demanda uma programação neural reforçada pelos aparelhos da grande mídia corporativa. Os estudos de Fanon (2008) e das demais autoras feministas elencadas acima contribuem, sobremaneira, para se pensar num projeto de desalienação da população negra, da indígena e das demais populações colonizadas, como uma reeducação.

Nesse sentido, a adaptação literária ganha aqui o contorno de arma de resistência contra a máquina (sistema capitalista), assim como a música, o teatro, o cinema e a literatura são capazes de cooperar na formação crítica de estudantes. Nesta pesquisa temos por alvo a graduação em Letras, com vista a uma educação contracolonial a partir dos gatilhos sensoriais contidos nas adaptações de textos literários de autores ou temáticas amazônicas no currículo do curso, com enfoque principal nas disciplinas de Literatura Brasileira, Literatura Amazônica e Literatura e outras Artes.

Marília Franco, a professora instigadora do programa de pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicação e Artes da USP, contextualiza o desenvolvimento do cinema e a parceria com a literatura.

Era necessário, no entanto, manter cativos os contingentes humanos nos enfeitiçados por ele e responsáveis pelo movimento dessa máquina de fazer dinheiro. E é neste ponto que a literatura vai ligar-se indissolavelmente ao cinema, pois só seu aparato narrativo, já codificado e difundido pelos séculos, tinha fôlego para sustentar a voracidade consumidora que o filme instalou em cada ser humano...[...] Mas é importante compreender esse consumo. [...] A mudança da face do poder, evidenciado seu vínculo com o capital e o trabalho, depois de despidas as máscaras do poder divino e hereditário, certamente autorizou inquietações e aspirações na crescente massa que se deslocou do campo, concentrando, nos bairros fabris da nova ordem urbana, sua miséria, ignorância e desumana descaracterização cultural. O cinema se instalou no vazio ocupado por um homem que perdeu suas tradições, seu espaço, a natureza e a própria identidade na busca de uma nova chance de vida. [...] A característica técnica do cinema de ter que ser exibido em sala escura criou uma relação psicológica e individualizada com o espectador, que acabou sendo

fundamental na definição do seu caráter social. Tem uma importância vital o diálogo intimista que o filme trava como espectador no sentido de suprir ou liberar seus anseios, tensões, devaneios. A literatura, primeira arte a se democratizar com a invenção da imprensa, tinha seu alcance limitado aos alfabetizados. O cinema, dispensando qualquer mediação racional imediata, estendia ao infinito sua influência (Franco, 1984, p. 123-124).

Hipótese-cinema: múltiplos diálogos é um artigo de Marília Franco (2010) que faz uma breve historiografia do uso do cinema e na educação. O uso do audiovisual em sala de aula, a partir da visão da proposta de Alan Bergala e de Paulo Emílio Salles Gomes, o consumo de filmes estrangeiros e suas consequências para a alteridade dos sujeitos. Franco faz uma importante contribuição à tese em desenvolvimento, no sentido do debate acerca do docente espectador e a tarefa árdua “de desenvolver o interesse e o consumo da produção cinematográfica/audiovisual brasileira pelo público escolar”.

Quanto ao papel do professor como transmissor de cultura audiovisual, Bergala trabalha essa questão numa perspectiva profundamente generosa tanto para o professor quanto para o aluno, quando afirma que a cultura cinematografia/audiovisual se constrói a partir de uma fruição estética/emocional dos filmes que é física e intransferível entre pessoas e gerações. Sendo assim esse “gosto pessoal” só pode ser compartilhado através do relato sincero das emoções vivenciadas, de modo a gerar um interesse no outro por viver experiência assemelhada. Deixo aqui quase uma provocação sobre esse assunto, pois ele merece um estudo a parte, mas entendo que essa visão de Bergala – que merece todo o capítulo no seu livro – abre um caminho promissor para que a fruição do cinema/audiovisual seja também instrumento de formação da noção de alteridade, questão difícil, mas indispensável para a educação de crianças e jovens (Franco, 2010, p. 10).

O desejo utópico de pensar a educação, intimamente, ligada à cultura e aos Direitos Humanos, no campo dos Estudos Culturais na intersecção com a educação, torna necessária a contribuição de duas outras professoras da Universidade do Estado do Pará Maria Betânia B. Albuquerque e Ivanilde Apoluceno de Oliveira, em *Estudos Culturais, Filosofia e Educação na Formação de Professores*, as autoras dialogam com vários teóricos do campo educacional e cultural que nos interessam, entre eles: Paulo Freire, Vera Candau, Henry Giroux, Antonio Flávio Moreira e Enrique Dussel, autores fundamentais para se pensar a relação entre os diversos saberes e o debate sobre diferença e alteridade.

[...] as formas de pensar de grupos socialmente excluídos não são consideradas como legítimas e, no caso das populações da Amazônia, seus mitos e tradições tendem a ser silenciados pela educação escolar que esses sujeitos recebem. [...] A ruptura epistemológica com a ciência moderna, preconiza a partir do reencontro da ciência com o senso comum nos ajuda a forjar outro modelo de educação como prática social da formação cultural e humana na qual se valorizam os saberes da experiência e os valores dos grupos socialmente excluídos. [...] O projeto de uma

educação intercultural traz, portanto, à formação do professor amazônida pelo menos dois desafios: de um lado, o conhecimento da própria cultura na qual vive e desenvolve seu trabalho docente, e do outro, a apropriação, em sua formação inicial e continuada. [...] A formação de professores dimensiona-se, portanto, como política cultural, sendo vista como fundamental na preparação dos docentes como intelectuais críticos, reflexivos e transformadores. [...] Acreditamos que tão importante quanto o estudo das filosofias ocidentais clássicas, que regem os modos de pensar dominantes, é o estudo dos modos de pensar dos grupos não dominantes, das categorias que constroem para dar sentido ao mundo e nele perpetuarem-se, bem como das diferentes linguagens e simbologias pelas quais enfrentam os desafios da vida cotidiana (Oliveira;Albuquerque, 2009, p. 152-162).

Luís Heleno Montoril Del Castilo, professor de Literatura Comparada do programa de pós-graduação da UFPA e orientador desta pesquisa, foi quem nos apontou o caminho para ver o processo interseccional no romance *Dois irmãos*, assim como, sugeriu rever as técnicas narrativas do trabalho de memória de Milton Hatoum. Filmes são janelas para a alma e para as perlaborações, que possibilitam debates e desvelamentos de discursos e saberes diversos, dessa forma, Del Castilo aponta caminhos para ser ler/ver Hatoum.

A literatura de Milton Hatoum territorializa a Amazônia no caos do Mundo trazendo suas margens. Em suas narrativas, pelos seus narradores órfãos, estão representadas escrita e fala desde esse lugar periférico, colocando-nos diante desse olhar transversal e oblíquo sobre a Amazônia, seja pela rota dos relatos, seja pelo posicionamento de pertencimento a uma zona fronteira. Temporalidades então não somente definidas pela e através da linguagem, em narrativa, como discurso, mas pelo tempo desde a condição periférica, de foranão somente do tempo, mas do espaço central dos acontecimentos, relato de segunda mão, de segundo olhar, da já citada reduplicação, e principalmente de difícil identificação. [...] A narrativa de Hatoum traz a figura dessa Amazônia em que “o gesto lento e o olhar perdido e descentrado das pessoas buscam o silêncio, e são formas de resistir ao tempo, ou melhor, de ser fora do tempo”(Del Castilo, 2012, p. 93).

Retomando o que já foi expressado até aqui, acrescento que a pesquisa tem como foco central, e obviamente auxiliado por outros focos complementares, observar as representações das adaptações de textos literários para o audiovisual, de autores ou temáticas amazônicas, em especial, *Dois irmãos*, *Promessa em Azul e Branco* e *Chuvvas e Trovoadas* focalizando na análise cinematográfica das personagens, Domingas, da criança e da jovem selvagem a partir da interlocução com o debate da interseccionalidade e da educação.

Na pesquisa em tela lançamos mão também como suporte na metodologia, a Cartografia de si, a partir das experiências da prof^a. Dra. Sumaya Mattar e colaboradores descritas na obra: *Arte, experiência e educação. Cartografia de Si: processos de criação e aprendizagem*

colaborativa na pós-graduação (2024), experiência inovadora na formação de professores de Artes na Universidade de São Paulo. Na apresentação da obra a autora salienta que:

Por meio dos “atos cartográficos” - práticas que convidam à desalienação, à autoria e à autonomia - os “viajantes”, orientados por seus projetos poético-pedagógicos, exploram, experimentam, investigam e criam infinitas possibilidades de rotas para os seus percursos. Neste processo, a consciência crítica e a ação transformadora vão sendo exercitadas e aprofundadas, integrando-se organicamente, o que torna o curso um espaço coletivo de aprendizagem fervilhante, no qual todos aprendem e ensinam, enquanto vão se dando conta de seus propósitos e tomando decisões importantes sobre seus projetos. Mattar [et al.] p. 9, 2024.

Segundo bell hooks (2013), é preciso fazer a crítica cultural e a crítica pedagógica, deixar essa “comodificação”, termo que ela emprega em relação à mulher negra. E, estendemos as referências sobre a população negra à população indígena, trazemos a personagem Domingas como espelho da relação de dominação social da mulher indígena e doméstica, vivendo em um corpo violentado e fraturado que morreu lentamente, ano após ano, solitária e isolada. Nesse sentido, entendemos que a escola é esse lugar de potência criativa em que situações reais como essa narrada na ficção podem ser trabalhadas e ressignificadas em benefício da mulher ou do sujeito atravessado pela obra de arte, sejam texto literário ou o texto adaptado (filme). Compreendendo que mediações com obras de artes possibilitam ao sujeito elaborar possibilidades, subjetivações e esquemas de resistência à dominação.

Para Grada Kilomba (2019), no processo de ensino-aprendizagem alguns gatilhos possibilitam uma nova visão da potência discursiva, em que ela afirma que o racismo, a misoginia e toda forma de preconceito não é biológica. Tais discursos são socialmente construídos a partir das palavras e das imagens como forma de silenciamento das mulheres negras.

Olhar para a questão interseccional na educação e formação de professores é uma forma de tentar mudar o paradigma educacional, não apenas por meio de mudança curricular, mas, e sobretudo, pela mudança de *práxis*, como diria Paulo Freire, como Fanon entende como descolonização mental e hooks entende como pedagogia engajada.

Ao fazer uma cartografia de si, a autora da tese em desenvolvimento, professora e produtora audiovisual rememora sua trajetória, a qual foi modificada, transformada pelo consumo das artes: literatura e cinema. Foram essas duas artes e a inquietação que a trouxeram até aqui, no construto desta pesquisa que pretende contribuir no avanço de uma educação

contracolonial dos Saberes Amazônicos, bem como suscitar o debate interseccional sobre a representação de mulheres amazônicas na literatura e no audiovisual.

Na perspectiva de compreender como os marcadores sociais de gênero, raça e classe impactam na imagem da mulher em narrativas literárias e audiovisuais que possam vir a ser adaptadas e utilizadas no debate ampliado dos direitos humanos, busca-se uma educação interseccional para o desenvolvimento de uma cidadania plena, tanto do professor quanto do aluno, bem como da sociedade local. Defendemos que aprender a transgredir é importante para produzir outros olhares a partir da subjetividade, e que obras de artes ajudam a deslocar os olhares. Além disso, a sala de aula é também um espaço de confrontação.

Como resultado preliminar da pesquisa em tela, catalogamos a quantidade de 30 textos literários de autores amazônicos ou de temáticas amazônicas adaptados para o cinema/televisão ou *streaming* no período de 1972 até o ano de 2022.

Quadro 1 - textos literários de autores amazônicos ou de temáticas amazônicas adaptados para o cinema/televisão ou *streaming* no período de 1972 até o ano de 2022.

OBRA/ADAPTAÇÃO (1972 - 2022)		ESCRITOR/DIRETOR AUDIOVISUAL
01	<i>Aguirre, a cólera dos deuses</i> (1972)	Frei Gaspar de Carvajal/ Werner Herzog
02	<i>Brutos inocentes</i> (1973)	Líbero Luxardo
03	<i>Iracema, uma transa Amazônica</i> (1974)	Jorge Bodanszky e Orlando Senna
04	<i>kinemAndara</i> (1975)	Vicente Franz Cecim
05	<i>Kuarup</i> (1989)	Antônio Callado/ Ruy Guerra
06	<i>Velas. Por quem?</i> (1990) e (2018)	Maria Lúcia Medeiros/ Adaptação realizada pelas alunas da profa. Maria de Fátima Nascimento da UFPA como resultados da disciplina: Literatura e Ensino no Mestrado Profissional - Profletras -ILC/UFPA.
07	<i>Carro dos Milagres</i> (1991)	Benedito Monteiro/ Moisés Magalhães
08	<i>Carro dos milagres</i> (1991)	Benedicto Monteiro/Moisés Magalhães
09	<i>Chuvas e trovoadas</i> (1994)	Maria Lúcia Medeiros/ Flávia Alfinito
10	<i>A escrita voraz</i> (1994)	Maria Lúcia Medeiros/Mariano Klautau Filho
11	<i>Lendas amazônicas – O Boto</i> (1998)	Walcyr Monteiro/ Moisés Magalhães e Ronaldo Passarinho
12	<i>Lendas amazônicas – Belém, mitos emistérios</i> (1998)	Walcyr Monteiro/ Moisés Magalhães e Ronaldo Passarinho
13	<i>Visagens e assombrações de Belém</i> (1998)	Walcyr Monteiro/ Moisés Magalhães e Ronaldo Passarinho
14	<i>Shot da Bota</i> (1999)	Edyr Augusto Proença/ Flávia Alfinito
15	<i>Mulheres choradeiras</i> (2000)	Fábio Fonseca de Castro/Jorane Castro

16	<i>Os promesseiros</i> (2001)	Chico Carneiro
17	<i>A Selva</i> (2002)	Ferreira de Castro/ Leonel Vieira
18	<i>A onda festa na pororoca</i> (2005)	Adriano Barroso/ Cássio Tavernard
19	<i>Severa Romana</i> (2006)	Nazareno Tourinho/Bio Souza, Rael Hélyan e Sue Pavão
20	<i>O gatilheiro</i> (2008)	Violeta Loreiro/ Cláudia Kawage
21	<i>Rapto do peixe-boi</i> (2009)	Cássio Tavernard/Rodrigo Aben-Athar
22	<i>Miguel Miguel</i> (2011)	Haroldo Maranhão/ Roger Elarrat
23	<i>Dois irmãos</i> (2013)	Milton Hatoum/ Luiz F. Carvalho e MariaCamargo
24	<i>Promessa em Azul e Branco</i> (2013)	Eneida de Moraes/ Zienhe Castro
25	<i>O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó/ Amazônia Caruana/ Encantados</i> (2014)	Pajé Zeneida Lima de Araújo/ Tizuka Yamazaki
26	De que morreu o “Manduca Lambão” (1930) /QUANDÚ (2019)	Antônio Tavernard/ Cássio Tavernard
27	<i>A moça do táxi</i> (2019)	Walcyr Monteiro /David Matos e Roger Paes
28	Memórias da Cabanagem / livro (2021) - videomapping (2020).	Paulo Evander e Leonardo Torii/ CássioTavernard/Paulo Evander
29	<i>Pureza</i> (2022)	Pureza Lopes Loyola/ Renato Barbieri
30	<i>A quadrilha de Jacob Patacho</i>	Inglês de Souza/ Pedro Veriano *O roteiro adaptado por Pedro Veriano a pedido de Líbero Luxardo não foi rodado.

Fonte: Elaborado e adaptado pela autora, Almeida (2021/2024).

As três personagens das obras adaptadas, como já dito anteriormente, dão contornos de uma invenção de um mundo comum para além da Amazônia idílica, idealizada.

No filme ***Chuvas e Trovoadas***, é possível observar como a protagonista se move na narrativa de forma a resistir à padronização do que seja a *construção* de uma mulher *ideal*. Tanto no texto literário quanto na adaptação a relação da menina inquieta com os objetos cênicos, com a caixa de costura, com a cadeira, a hora de ir ao banheiro e as pequenas provocações que desaguam naquela chuva violenta de liberdade testemunham o avanço de um novo tempo. A fisionomia da protagonista é a própria memória da construção da mulher *de família*, prendada, recatada e do lar. Curiosamente, essa adaptação foi dirigida por Flávia Alfinito, que anos mais tarde tornou-se freira na vida real.

Dois Irmãos é um romance que articula a memória e o testemunho de forma permanente. Há inclusive passagens metalinguísticas, como por exemplo, quando retrata os caixeiros viajantes chegando na cidade de Manaus trazendo os aparelhos para as sessões de cinema voltado às crianças. Domingas acompanhava os gêmeos e via também o mundo naquela parede.

Promessa em azul e branco foi adaptado no formato de curta-metragem homônimo. A escritora Eneida de Moraes usou a sua própria vida como inspiração para o conto, pois ela foi obrigada a usar roupas na cor azul e branco até os seus 15 anos, fruto de uma promessa da avó. A memória da infância de Eneida revisitada em que as angústias de menina e da ditadura militar estão presentes nessa narrativa, em que o traço dos costumes, como a promessa para alcançar uma graça ou a fé em Nossa Senhora de Nazaré são simbolicamente marcados como elementos sagrados que, segundo a crença popular, jamais devem ser quebrados ou postos em dúvida.

Segundo hooks (2013), no processo de ensino-aprendizagem decolonial, não basta apenas se opor, é preciso aprender a construir algo novo, ver os diversos grupos e reconhecer todos igualmente diferentes. Nesse processo, eles vão se deslocando do olhar do colonizador, da homogeneização das sociedades. É basicamente, nesse instante que é possível fazer a confrontação de classe social na sala de aula a partir de dispositivos adaptados de textos literários. O debate ganha reforço com a mediação da obra, que adquire novos contornos. Olhar para a interseccionalidade é entendermos que somos plurais, constituídos de múltiplas identidades.

Considerações finais

Este artigo apresentou um recorte de uma tese em desenvolvimento que tem nas relações culturais mediadas por filmes adaptados a partir de textos literários de autores amazônicos ou de temáticas amazônicas o fio condutor na representação da identidade, da memória e do debate interseccional. Os testemunhos dessas obras de artes, podem reforçar os estereótipos ou reinventar mundos, entre a utopia e distopia na/da Amazônia. Essa forma de ler o texto literário, a partir de filmes adaptados para os dispositivos audiovisuais e móveis, deve ser também uma possibilidade válida de recepção da obra literária nas salas de aula no intuito de contribuir à construção de identidade e alteridade dos jovens professores de Letras e seus futuros alunos.

Nesse sentido, inferimos que os filmes adaptados mapeados na pesquisa para a tese testemunham e problematizam a Amazônia e as suas pluralidades, salvaguardando narrativas

insurgentes, que surgem das bordas, das fronteiras do discurso contra hegemônico. Inferimos que o *entre-lugar* construído nessa vivência do leitor e espectador se encontra na construção da cidadania, no despertar do pensamento crítico a partir da experiência sensível com a obra de arte, seja o filme ou o texto literário, e que a sala de aula pode ser esse espaço de mediação, pois compreendemos que inventar é, antes de tudo, preservar. E os textos adaptados para o audiovisual carregam consigo uma pequena marca de resistência, de múltiplas vozes da literatura do Norte, da Amazônia e da floresta, adentrando espaços de resistências em que os saberes transitam, tanto nos territórios, quanto nos suportes.

As adaptações, claramente, testemunham saberes, resistências e ressignificam vivências da Amazônia capazes de contribuir positivamente no campo educacional e reforçar as identidades culturais. Nossa hipótese é de que, ao reforçar o currículo da formação na licenciatura em Letras utilizando adaptações literárias, amplia-se o escopo de aulas de Literatura com o foco em professores comprometidos com uma educação baseada no respeito às diversidades culturais e em prol da cidadania participativa, principalmente, de meninas e mulheres de acordo com a Agenda 2030 e os 17 ODS/ONU.

Referências

ÁLVARES, Luzia. In: VERIANO, Pedro. **Fazendo Fitas: memórias do cinema paraense**. Belém: EDUFPA, 2006.

DEL CASTILO, Luís Heleno. **Milton Hatoum: técnicas de retorno e alegorias da história pós-ditatorial**. In: Erik Schollhammer, Karl e Sarmento- Pantoja, Tânia. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador : EDUFBA, 2008.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminina**. Trad.: Coletivo SYCORAX. São Paulo: Editora, Elefante, 2019.

FRANCO, Marília. Hipótese-cinema: múltiplos diálogos. **Revista Contemporânea de Educação**. V.5, nº9 – Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010.

_____. **Uma invenção dos diabos**. In: AVERBUCK, Ligia (org.). Literatura em Tempo de Cultura de Massa. SP: Nobel, 1984.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. p.3. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro:Ed.Marco Zero Limitada, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A EDITORA, 2003.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2000.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: Educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo B. Cipoll. São Paulo: ed. WMF – Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão e outros. 3ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990

MATTAR, Sumaya [et al.] orgs. **Arte, experiência e educação. Cartografias em si [recurso eletrônico] : processos de criação e aprendizagem colaborativa na pós-graduação** - São Paulo : ECA-USP, 2024.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Antologia de contos**. 2ª ed. Belém: Amazônia, 2009.

MORAES, Eneida de. **Aruanda/Banho de cheiro**. ed.especial – Belém: Cejup/Secult, 1997.

OLIVEIRA, Ivanilde A.de. ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Estudos Culturais, Filosofia e Educação na Formação de Professores**. In: MONTEIRO, Maria Neusa et al (org.) Ensaio de filosofia e educação: cultura, formação e cidadania. Vol.II – Belém: EDUFPA, 2009, p.145-165.

PEREIRA, Helena Bonito Couto. **Transposições midiáticas: literatura brasileira no cinema** / Helena Bonito Couto Pereira. - 1. ed. - Jundiaí [SP] : Paco, 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VERIANO, Pedro. **Fazendo Fitas: memórias do cinema paraense**.Belém: DUFPA,2006.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ALMEIDA, Eliana Pires de; CASTILO, Luís Heleno Montoril Del; PEREIRA, Helena Bonito Couto; MARTINS JUNIOR, Rui Jorge Moraes. Uma tese em movimento: Recortes de uma cartografia de si, interseccionalidade e contracolonialidade no campo educacional em textos literários, de temática amazônica, adaptados para o audiovisual. **Id on Line Rev. Psic.**, Maio/2025, vol.19, n.76, p. 248-265, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 23/05/2025. Aceito 27/05/2024; Publicado em: 31/05/2025.